



OS DESAFIOS DO ENSINO REMOTO E O USO DE TECNOLOGIAS NA ESCOLA ESTADUAL ADALGISA DE BARROS

Marilene C. Surubim Leite¹ (SEDUC/MT) – marisurubim@gmail.com

Fabiana F. Pádua Rossatto² (Fundação Getúlio Vargas) – fatimapaduarossatto@gmail.com

GT 10: Ensino, currículo e organização escolar

Resumo:

Os desafios para o ensino durante o período de pandemia de Covid 19 foram muitos, desde falta de formação de professores, engajamento de pais e responsáveis pelos estudantes e, eles próprios em não assumir seu papel de aluno. As aulas remotas ocorreram com o auxílio de ferramentas tecnológicas, através de aplicativos online ou de apostilas para quem não tinha acesso a internet. Este trabalho teve como objetivo demonstrar a participação dos estudantes do ensino médio nas aulas remotas em uma escola de educação básica. Para isso, as planilhas de controle da coordenação pedagógica foram utilizadas. Os dados demonstraram a dificuldade dos alunos nas aulas a distancia, por não terem acesso a internet ou pela falta de hábito em ser protagonista de seu aprendizado. Ainda se faz necessário um projeto de longo prazo que contemple mais formação para professores, e estruturação das escolas a fim de que haja real mudança nas práticas pedagógicas com a inserção de tecnologias no ensino.

Palavras-chave: Aula remota. Tecnologias. Práticas pedagógicas.

1 Introdução

Mudanças das práticas pedagógicas nas escolas de ensino básico têm sido um dos principais desafios para professores e gestores, pois para mudar as formas de pensar e agir no âmbito escolar implica em mudança de paradigmas enraizados ao longo da história da educação escolar. Os processos de ensino e aprendizagem, é visto como um dos responsáveis pela qualidade no ensino, assim, é preciso conceber o professor como um profissional que reflete criticamente sobre a prática cotidiana a fim de compreender as características específicas desses processos (Saviani, 2011). Essas mudanças de concepções se mostrou um desafio a todos os profissionais da educação durante a pandemia de Covid 19, desde professores, diretores e principalmente coordenadores, visto que, são os responsáveis pela organização e acompanhamento dos processos de ensino e aprendizado.

Com a suspensão das aulas presenciais e implantação de aulas remotas, professores precisaram se reinventar inovar, usar a tecnologias em suas aulas, fato que ocorria com pouca frequência ou não ocorria antes da pandemia. Segundo Rubio & Oliveira (2020), o pouco preparo do professor seria o responsável por não ter a integração de tecnologias nas aulas, no entanto, o fato de o professor não ter recebido a formação necessária a essa inserção dificultou a adequação dos docentes às aulas online durante esse período.

Atualmente a nova reforma educacional através da Base Nacional Comum Curricular, busca padronizar o processo educativo brasileiro, trazendo em sua proposta à inserção de metodologias inovadoras e o uso de tecnologias. Isso pressupõe a inserção de metodologias

inovadoras e que estejam aliados ao uso de tecnologias digitais, como, o ensino híbrido e sala de aula invertida (Moran, 2015), e aplicação de conceitos vindos de outras áreas, tais como, a educação STEAM, que preconiza a integração de várias áreas de conhecimentos, e exige do professor um conhecimento além da sua área de formação e aplicação desses conhecimentos na prática metodológica.

Essas mudanças tecnológicas e inserção de inovações exigem dos professores novos saberes, novas habilidades, é preciso ampliar a qualificação e construir novas competências, que tem surgido a partir da mudança e cobrança social, pois, a escola foi atribuída, vários outros papéis, para além do ato de ensinar somente os conteúdos sistematizados (Saviani, 2013). Portanto, nesse período de pandemia foi preciso redimensionar velhos paradigmas e concepções provenientes de experiências anteriores.

Aos professores coube a difícil tarefa de redirecionar seus estudos para o uso de tecnologias em sala de aula, a fim de mudar sua concepção de ensinar e de aprender, e também de ensinar o aluno como se aprende (Freire, 1996), como ser o protagonista de sua aprendizagem, o professor deixou de ser o detentor do conhecimento para ser o mediador da aprendizagem (Moran, 2015), pois através de um smartphone conectado a internete um mundo de possibilidades se abriu aos estudantes. Mas, e os estudantes, considerados a geração tecnológica, estavam preparados para o uso dessa tecnologia para estudo remoto como ocorreu durante a pandemia. Esse foi um dos principais desafios de professores e coordenadores, ao perceber que as maiorias de estudantes não tinham acesso a internet, ou se tinham, não estavam preparados pra acompanhar as aulas online e muitos optaram pela apostila. Entretanto, como estudar sozinhos em casa sem ajuda de um professor? Assim, no ano letivo de 2020 e agora no de 2021 está havendo uma grande defasagem na aprendizagem desses estudantes, por não terem acesso a internet ou não se adequarem as aulas online não conseguiram participar de maneira adequada nas aulas remotas.

Diante do exposto, a realização de amostras que tragam essas informações, como forma de avaliar resultados na aprendizagem, engajamento dos alunos nas aulas através de uso de tecnologias, pode contribuir para ampliação da inserção delas como ferramenta de apoio a professores e estudantes. Ao mostrar os resultados de como essas mudanças repercutiu na aprendizagem dos estudantes, e os benefícios para o crescimento profissional do professor poderá mudar suas crenças e atitudes de maneira significativa, inclusive aumentar o número de engajamento ao uso de tecnologias na sala de aula.

1.1 Objetivo

O presente trabalho teve como objetivo analisar a participação dos estudantes do ensino médio nas aulas remotas em uma escola de educação básica.

2 Metodologia

A análise da participação nas aulas remotas foi realizada com estudantes do período matutino da escola estadual Professora Adalgisa de Barros, que se localiza no bairro Jardim Aeroporto no município de Várzea Grande-MT. Atualmente encontram-se matriculados 1290 estudantes distribuídos nos três períodos. A escola possui 14 salas de aulas com as seguintes turmas: no período matutino são 4 turmas de 1º anos, 5 turmas de 2º anos e 5 turmas de 3º anos. No período vespertino funciona 6 turmas de 1º anos, 5 turmas de 2º anos e 3 turmas de 3º anos, sendo que nos períodos matutino e no vespertino a escola oferta a modalidade de Ensino Médio Inovador com uma carga horária de 1.000 horas anual. O período noturno contempla 9 turmas de Ensino Médio Regular organizado por semestre em blocos bimestrais, sendo 1 turmas de 1º anos, 3 turmas de 2º anos e 4 turmas de 3º anos com uma carga horária de 800 horas anuais. Devido a essa diferença de modalidade e de carga horária, a amostragem foi realizada apenas no período matutino, pois que contempla um total de 491 estudantes, que equivale a 38% do total da escola.

Para quantificar a participação dos estudantes nas aulas remotas durante os 1º semestre do ano letivo de 2021, as listas de controle de retirada de apostilas, listas de frequência, bem como o resultado obtido no conselho de classe escolar foram analisadas para verificar a participação dos estudantes nas aulas remotas. O quantitativo de estudantes que devolveram as atividades em branco, ou que estiveram ausentes em pelo menos um dos dois bimestres também foi quantificado a fim de amostrar a defasagem ocorrida no aprendizado durante esse período.

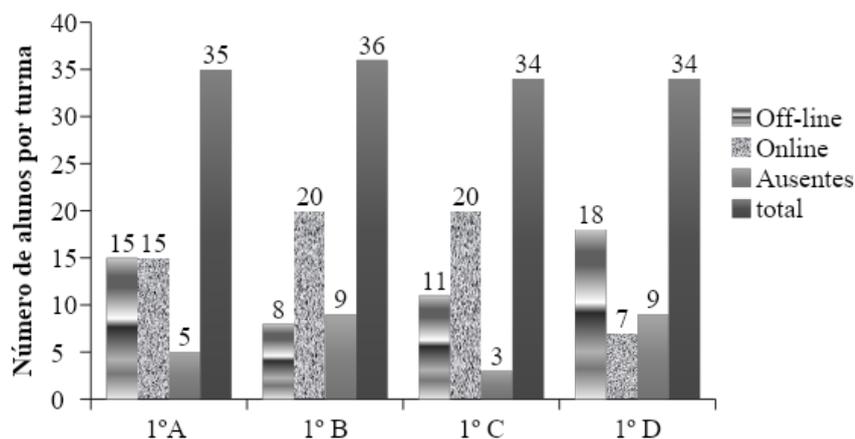
Foram adotadas três categorias a fim de organizar as informações: 1. Online: para estudantes que conseguiam acessar estudo online (através de aplicativo de mensagem WhatsApp ou plataforma de ensino Google Classroom). 2. Off-line: para estudantes que não conseguiam acessar nenhuma das plataformas online, que não tinham acesso a internet, mas

que retiraram a apostila impressa na escola. E 3. Ausente: para estudantes que não participaram de nenhuma atividade remota.

3 Análise dos resultados

Nas turmas de 1º anos a participação online prevaleceu nas turmas B e C com 20 alunos em cada, foram iguais os online e os off-line na turma A, porém na turma C 18 alunos retiraram apostilas, fato que demonstra a maior ausência de conectividade de acesso à internet (Gráfico 1). Essa turma juntamente com a turma B foram os que apresentaram maior número de alunos ausentes, 9 em cada turma, sendo que ocorreu um total de 26 ausências.

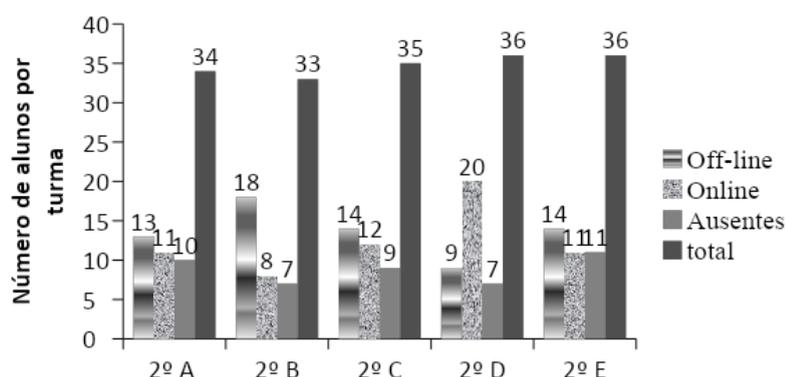
Gráfico 1. Distribuição de alunos nas três categorias no primeiro semestre de 2021



Fonte: Planilhas de controle da coordenação escolar (2021).

Nos 2º anos houve maior participação online na turma D com 20 alunos, sendo que as demais variaram de 8 a 12 alunos. As turmas com maiores números de alunos off-line foram às turmas B com 18, e C e D com 14 alunos que retiraram apostilas impressas. Alunos ausentes foi maior na turma A que apresentou 10 ausências e menores nas turmas B e D cada uma com 7 ausências (Gráfico 2).

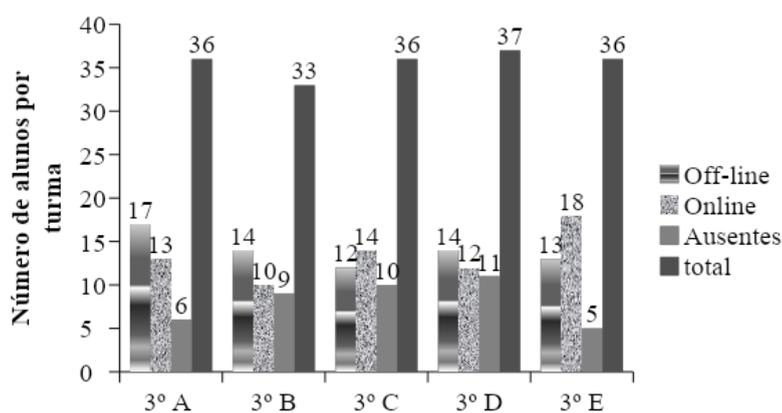
Gráfico 2. Distribuição de alunos dos 2º anos nas três categorias no primeiro semestre de 2021



Fonte: Planilhas de controle da coordenação escolar (2021).

Nas turmas de 3º anos houve um equilíbrio entre alunos online e off-line, sendo que a turma E foi a teve maior número de alunos online, 18 no total, enquanto a turma A apresentou 17 alunos off-line (Gráfico 3).

Gráfico 3. Distribuição de alunos dos 3º anos nas três categorias no primeiro semestre de 2021



Fonte: Planilhas de controle da coordenação escolar (2021).

Observou-se que os 1º anos foram os que mais participaram da modalidade online (44,6%), seguido dos 3º anos com 37,6% de participação. Os 1º anos formam os que também apresentaram o menor índice de ausências (18,7) e os 2º anos o maior (25,3%) (Tabela 1).

Tabela 1. Porcentagem de alunos por série por categorias no primeiro semestre de 2021

Turmas	Off-line (%)	Online (%)	Ausentes (%)
1º Anos	37,4	44,6	18,7
2º Anos	39,1	35,6	25,3
3º Anos	39,3	37,6	23,0

Fonte: Planilhas de controle da coordenação escolar (2021).

Do total de estudantes que não tinham acesso a internet ou que optaram pela apostila houve maior percentual de não devolução em pelo menos um dos bimestres nos 1º anos (53,8%), seguido pelos 3º anos (40,7%) (Tabela 2).

Tabela 2. Porcentagem de alunos off-line que não devolveram as atividades no primeiro semestre de 2021

Turmas	Não devolução (%)
1º Anos	53,8
2º Anos	27,9
3º Anos	40,7

Fonte: Planilhas de controle da coordenação escolar (2021).

4 Discussão

A adequação de todos os envolvidos nos processos escolares durante o período de pandemia foi um desafio, principalmente professores e alunos, pois ambos tiveram que encontrar uma nova forma de ensinar e aprender, que pudesse substituir de maneira satisfatória a ausência de aulas presenciais. O professor passou a ser mais mediador da aprendizagem, com o desafio de ensinar o aluno como se aprende, e o aluno precisou desenvolver suas habilidades, ser o protagonista de sua aprendizagem, aprender a aprender, conforme Freire (1996).

Depois de mais de um ano de pandemia, os professores se adaptaram bem ao novo método de ensino, muitos tiveram que deixar de lado a concepção tradicional de educação proveniente da formação (Saviani, 2011) e reconsiderar a experiência de práticas de ensino arcaicas, aprendeu a lidar com as novas ferramentas de ensino a distância. No entanto, o que se observou através desses resultados, foi o despreparo do aluno em assumir o seu papel de estudante, conforme a concepção atual, ser o protagonista de seu aprendizado, e também a falta de condições estruturais necessárias para tal. Pois, as aulas remotas só foram possíveis com o uso de tecnologias digitais através de internet, fato que impossibilitou o acesso de muitos estudantes que não tinham condições econômicas para manter uma conexão de qualidade.

Apesar de ter havido a inserção de tecnologias as aulas remotas, a inserção de metodologias ativas de modo mais colaborativo (Moran, 2015), através de interação em grupos virtuais, ou mesmo aula online ainda não foi possível acontecer. O que se observou foi um aluno mais passivo diante de uma aula diretiva que tinha objetivo em repassar informações e direcionar o estudo (Becker, 2016), estudo através de links de sites confiáveis já pesquisados previamente e enviado aos alunos.

Em relação aos alunos off-line, conforme os dados demonstraram, houve um percentual de quase 40% de alunos que optaram pela apostila, ou pela falta de possibilidade de acesso ou por não conseguir se adequar as aulas online, mas esses foram poucos casos. A maioria só tinham dados móveis, fato que dificultou acesso às plataformas de estudos, Teams utilizada no ano letivo de 2020, porém era uma plataforma mais pesada e foi substituída pelo Google Classroom em 2021. A maioria que participavam de aulas online era pelos grupos de sala de aula criados no WhatsApp, pois é de mais simples acesso e não consome muitos dados. Portanto, os alunos que chamamos de off-line foram os mais prejudicados no seu aprendizado, pois além de ausência de aulas presenciais e não conseguirem assistir as aulas online, muitos não tinham acompanhamento dos pais, visto que a maioria são trabalhadores que não puderam estar em trabalho remoto. Assim, muitos alunos acabavam devolvendo as atividades sem fazer, ou feito pela metade, principalmente da área de matemática e ciências exatas.

Para os alunos online que conseguiam acessar de forma satisfatória as plataformas de ensino, a tecnologia aliado ao auxílio do professor e mais o interesse do aluno contribuiu para o desenvolvimento de seu aprendizado. Porém, conforme afirma Prensky (2010) “isso costuma funcionar para alunos brilhantes, não para a maioria”, pois a maioria estava acostumada a redes sociais e não a acessar sites de busca para pesquisa e estudo ou acessar plataformas de ensino, e até mesmo enviar e-mail. Mas, o importante é que o primeiro passo foi dado, em direção à mudança cultural, mostrando que estas novas formas de aprender fazem mais sentido, e que os alunos que se engajam mais obtêm melhores resultados (Moran, 2016). No entanto, corroborando com Piaget, as interações sociais entre os professores e os estudantes no contexto da escola são essenciais para o processo de ensino e aprendizagem, visto que figuram como condições favoráveis para a produção e sistematização de conhecimentos, visando ao desenvolvimento do aluno.

5 Considerações finais

O avanço obtido no ensino com a utilização de ferramentas tecnológicas nesse período de pandemia foi importante, mas ainda há muito a progredir, considerando que foi inserida de forma obrigatória e sem um projeto ou planejamento, sem que houvesse formação para professores que tiveram que ir aprendendo na prática, fazendo os cursos e lives que foram sendo criados de última hora a fim de suprir a demanda. Pois, mudança de cultura de epistemologia em relação a prática didático pedagógico, demanda de muito mais conhecimento teórico por parte do professor. Isso, somado a todos os problemas inerentes as

questões sociais, por parte dos estudantes, como, a falta de acesso a internet, ao computador ou a um smartphone, foram os principais desafios enfrentados. A superação ocorreu pela necessidade, não pela conscientização dela. Assim, para estudantes do ensino médio, que ainda não desenvolveram sua maturidade biológica, o ensino remoto por si só não demonstrou resultados satisfatórios, no entanto, o ensino híbrido, conforme retornou no segundo semestre letivo, talvez seja o caminho para o sucesso de uso de tecnologias no ensino, mas necessita de pesquisas que demonstrem esses resultados positivos.

6 Referências

BECKER, Fernando. **Educação e construção do conhecimento**: revista e ampliada. Penso Editora, 2016.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários a prática educativa**. Editora Paz e terra. 25º ed. SP, 1996. Disponível em: <http://www.apeoesp.org.br>. Acesso em: 03 de outubro de 2021.

MORAN, J. Mudando a educação com metodologias ativas. **Coleção Mídias Contemporâneas**. Convergências Midiáticas, Educação e Cidadania: aproximações jovens. Vol. II. PG: Foca Foto-PROEX/UEPG, 2015. Disponível em: <http://uepgfocafoto.wordpress.com>. Acesso em: 13 de julho de 2021.

MORAN, J. Por onde começar a transformar nossas escolas? In. **A Educação que desejamos: novos desafios e como chegar lá**. Campinas: Papirus, 2016. Páginas 145-165

SAVIANI, Demerval. **Formação de professores no Brasil: Dilemas e perspectivas. Poésis Pedagógica** - V.9, N.1.2011; pp.07-19. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br>. Acesso em: 03 de outubro de 2021.

SAVIANI, Dermeval. A História da educação e sua importância para a formação de professores. In: **Conferência de abertura do I Seminário de História da Educação Brasileira e Catarinense**: UFFS, 2013.

PRENSKY Marc. **O papel da tecnologia no ensino e na sala de aula**. Conjectura, v. 15, n. 2. 2010. Disponível em: <http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/conjectura/article/viewFile/335/289>. Acessado em 03 de outubro de 2021.

RUBIO, Ana Claudia Pereira; DE OLIVEIRA, Ozerina Victor. **Integração das tecnologias digitais de rede ao currículo: O protagonismo docente no ciclo da política**. Revista eCurriculum, v. 18, n. 1, p. 85-110, 2020. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br>. Acesso em 03 de outubro de 2021